

Eliana Mendonça Trindade¹
Liana Fortunato Costa²
Mônica Marques Zilli³

- ¹ Escola Superior de Ciências da Saúde, Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, Brasília, Brasil.
² Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
³ Curso de graduação em psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil

Correspondência

Eliana Mendonça Trindade
Faculdade de Medicina da Escs/
Fepecs
Edifício Fepecs SMHN Quadra 501
Bloco A, Brasília, Distrito Federal,
Brasil
70710-904
elianavilar@yahoo.com.br

Recebido em 14/junho/2006
Aprovado em 6/novembro/2006

Resumo

Introdução: o contexto familiar do alcoolista é disfuncional e merece estudos especializados e atenção de diferentes campos de pesquisa. Este estudo se propõe a realizar uma breve revisão teórica sobre os efeitos patogênicos do alcoolismo nas famílias e refletir sobre a desestruturação e disfuncionalidade dessas famílias.

Método: revisão bibliográfica realizada por meio de busca nas bases de dados SciELO e Medline e livros de referência na área de Alcoologia e Teoria Sistêmica, focalizando as publicações ocorridas no período de 1970 até 2006.

Resultados: identifica-se uma carência de estudos que abordem a questão da prevalência de depressão em filhos de alcoolistas. Alcoolismo e depressão aparecem com frequência no mesmo indivíduo e também na mesma família, o que aumenta o risco de transmissão familiar de ambas as patologias. Recentes estudos mostram que famílias com membros alcoolistas apresentam variedades de disfunções estruturais: rigidez de fronteiras, falta de coesão do casal e presença de alianças transgeracionais. A rigidez de fronteiras expressa dificuldades de adaptação e falta de capacidade da família para se relacionar com o ambiente social. A falta de coesão do casal se expressa por meio de constantes conflitos, violência e brigas conjugais. As alianças transgeracionais revelam como uma geração acaba por interferir demasiadamente na outra, impedindo que a família forme novas identidades e novas configurações mais saudáveis.

Considerações finais: o estudo conclui pela importância da utilização da Teoria Sistêmica para o tratamento do alcoolismo e de outras patologias; alcoolismo e depressão devem ser estudados e tratados de forma integrada. A compreensão do alcoolismo através dos conceitos da Teoria Sistêmica nos abre novas perspectivas. A família passa a ser vista como uma unidade, foco de nossos estudos e intervenções.

Palavras-chave: alcoolismo, adolescente, família.

Abstract

Introduction: the family context of the alcoholic is disrupted and needs special consideration as a differentiated field. The specific dynamics of the "alcoholic family" should gain more interest in various fields or research. This study aims to reflect on the negatives effects of alcoholism within the family. The problem of children of alcoholic parents has received little attention. Only recently this topic has gained scientific interest.

Method: a descriptive literature review was conducted searching SciELO and Medline database as well as books related to the area of alcoholism and systemic theory from 1970 to 2006.

Result- Alcoholism and depression frequently come together and the same person can suffer from both simultaneously. Alcoholism and depression is often transmitted to other family members. Recent studies indicate that families, which have an alcoholic member, in general suffer from a variety of structural dysfunction, interpreted, on the bases of the systemic family theory, as: rigid borders, lack of cohesion of the couple/parents, trans generational allies. The rigidity of borders expresses difficulties of adaptation and lack of capacity of the family to relate with the social environment. The conjugal lack of cohesion is expressed through constant conflicts of the couple, violence and fight. The established transgenerational alliances reveal how one generation intensively intervene with one another, hindering that the family forms new identities and new healthier configuration.

Conclusion: The author comes to the conclusion that the Systemic theory has an important role for the treatment of the alcoholism as well as alcoholism associated to depression might be studied and treated as correlated syndrome. The systemic approach opens up new points of view. The family is seen as a unit and therefore the object of our study.

Uniterms: alcoholism; adolescent, family

Introdução

O alcoolismo tem sido uma das maiores preocupações da saúde pública no mundo, estando associado a diversos outros problemas como: mortes no trânsito, desentendimentos familiares e afetivos, separação de casais, homicídios, espancamentos de crianças e mulheres, deserção do trabalho e da escola, entre outros. O álcool é a droga cujo uso mais aumenta no país. São numerosas as tentativas para se compreender o alcoolismo. Alguns autores acreditam que suas causas estão associadas a um complexo conjunto de fatores biopsicossociais¹.

Este estudo tem como objetivo refletir sobre os efeitos patogênicos do alcoolismo no contexto familiar e neste sentido busca explicitar aspectos inerentes ao sofrimento psíquico de filhos e familiares de alcoolistas.

Metodologia

A revisão bibliográfica foi realizada por meio de busca nas bases de dados SciELO e Medline e livros de referência na área de Alcoolologia e Teoria Sistêmica, focalizando-se nas publicações ocorridas no período de 1970 até 2006. Para concretização dos objetivos deste estudo foram analisados os

trabalhos sobre filhos de pais alcoolistas, com exclusão de casos onde as mães são alcoolistas, enfocando, sobretudo, a psicopatologia e a questão da transmissibilidade familiar de comportamentos aditivos^{2,3,4,5}.

Análise dos Resultados

Com o propósito de refletir sobre os principais efeitos do alcoolismo na dinâmica familiar, é necessário apontar os aspectos relevantes referentes à dinâmica interacional de famílias com membros alcoolistas, bem como analisar os possíveis efeitos patogênicos do alcoolismo na família.

Tal temática foi enfocada a partir de referencial sistêmico que concebe o alcoolismo presente em um dos membros como um sintoma denunciador dos desequilíbrios do sistema familiar, surgindo quando a família apresenta dificuldades no seu processo de desenvolvimento ao longo do seu ciclo de vida^{5,6}. O papel dos fatores familiares na etiologia do alcoolismo, descrevendo o impacto de um pai passivo e de uma mãe dominadora tem sido enfatizado⁷.

A abordagem sistêmica do alcoolismo surge a partir de evidências clínicas, tais como: a constatação de

que o sintoma dos pacientes alcoolistas reaparecia ao voltar para a casa, a complexidade dos vínculos do sujeito alcoolista com sua família de origem e a interação do indivíduo na sua relação de casal. A abordagem sistêmica ganha impulso na década de 50, período de ascensão do pensamento sistêmico. Por meio da perspectiva sistêmica, todas as pessoas que compõem a unidade familiar têm um papel na maneira como a família se relaciona, como se relacionam entre si e na forma como, finalmente, o sintoma irrompe⁶. Visto como um sintoma, o alcoolismo representa uma disfunção no contexto familiar total.

Os trabalhos de Steinglass acerca do conceito de “família alcoólica”, representam subsídios para a análise da questão. Esse autor afirmou que assim “como uma dinastia de família pode construir-se em torno do poder econômico ou político, também pode construir-se ao redor do alcoolismo”. Desta forma, as identidades de família alcoólica, que sobrevivem intactas, ao longo de múltiplas gerações, podem produzir identidades dinásticas alcoólicas que exigem a lealdade de todos, e cada um dos membros da família, e, de maneira interativa, influem sobre as expectativas de conduta⁸.

É fato que o “ambiente alcoolista” afeta de forma negativa os descendentes, pois crianças filhas de alcoolistas experimentam tensão e competitividade com seus colegas e quanto mais velhas possuem dificuldades em construir e manter amizades. Pesquisas realizadas comprovaram a hipótese de que toda a família é afetada pelo alcoolismo. Segundo a teoria sistêmica, todas as pessoas que compõem a unidade familiar têm um papel na maneira como funciona a família, como se relacionam os membros entre si e na forma como finalmente, o sintoma irrompe⁶.

Nos primeiros trabalhos sobre alcoolismo, a preocupação maior entre os pesquisadores era sua continuidade entre as gerações de uma mesma família. As teorias biogenéticas fundamentavam as investigações. Atualmente, a ênfase tem recaído sobre os aspectos do ambiente familiar, assim como sobre as conseqüências do abuso do álcool. A incidência crescente do alcoolismo, em nível mundial, configura um quadro de epidemia que não necessariamente está

correlacionado a mutações genéticas, mas sim a possíveis fontes de desequilíbrio no contexto psicossocial.

1 Sofrimento psíquico de filhos de alcoolistas

Filhos de alcoolistas têm sido identificados como grupo de risco psiquiátrico. Vários estudos desenvolvidos por psiquiatras têm fornecido evidências de um elevado risco para o desenvolvimento de problemas comportamentais e dificuldades escolares entre os filhos de alcoolistas³.

Filhos de pais com problemas psiquiátricos, incluindo alcoolistas, são considerados grupo de alto risco para a ocorrência de problemas no desenvolvimento emocional e de maior risco para diagnósticos psiquiátricos⁹. Em estudo prospectivo e longitudinal de Furtado et al.⁹, com 219 crianças acompanhadas desde o nascimento até 11 anos de idade, os autores encontraram resultados que indicam um elevado risco de curso evolutivo desviante dos filhos de alcoolistas, na forma de maior risco para problemas de comportamento de modo geral e, mais especificamente, para transtornos expansivos (compostos principalmente por transtornos de conduta).

É importante ressaltar que embora a experiência e a observação clínica, bem como os achados empíricos¹⁰, corroborem os resultados da literatura citada, identificam-se contradições e algumas conclusões precipitadas nesses estudos. De acordo com Gonzalez¹¹, existem graves problemas metodológicos nesses estudos visto que faltam estudos longitudinais prospectivos e de cunho qualitativo. O mesmo autor afirma, segundo um olhar mais crítico no que tange a dimensão epistemológica do conhecimento produzido, que o fenômeno estudado não se deixa apreender através de lógica positivista, simplista, cartesiana e quantitativa. “Os suportes do positivismo metodológico podem ser chamados atomismo, quantificação e operacionalismo”¹¹.

A simples reflexão acerca da presença de doenças psiquiátricas em filhos de alcoolistas não gera uma compreensão da complexidade dos processos envolvidos.

Embora existam trabalhos que assumem uma lógica sistêmica, a grande maioria assume uma perspectiva disjuntiva, sendo visivelmente contaminados pela força do modelo médico, que enfatiza diagnósticos e os processos de saúde e doença^{12,13}. Recentemente se observa uma discussão mais intensa sobre o papel dos fatores genéticos na transmissibilidade intrafamiliar^{14,15}.

Filhos de alcoolistas possuem uma probabilidade maior de desenvolver alcoolismo. Problemas mais severos de caráter anti-social, relacionados com alcoolismo foram encontrados mais frequentemente, em indivíduos que tinham algum parente alcoolista do que naqueles que não o tinham⁴.

Pesquisas que examinaram a competência comunicativa em filhos de alcoolistas, depressivos e bebedores sociais, concluíram que filhos de alcoolistas apresentam déficits em todas as dimensões de competência comunicativa, como clareza comunicativa e auto-referência. Uma investigação acerca do fenômeno de filhas de pais alcoolistas que casam com alcoolistas apresentou as seguintes descobertas: as mensagens que as filhas receberam dos pais comprometeram suas vidas e suas percepções do relacionamento com o pai, assim como as mensagens que essas mulheres recebem de seus maridos; além disso, essas mulheres tinham uma predisposição a uma comunicação rígida quando interagem com seus pais e maridos.

Um estudo de Hill e Gauer¹⁶ publicado em 1998 realizou uma análise semiótica dos relatos de filhos de alcoolistas e concluiu que as seqüelas decorrentes das vivências familiares perduram durante longos períodos. A baixa auto-estima, a grande dificuldade de alcançar intimidade nas relações e uma visão de mundo marcada pelo medo restringem sobremaneira a vida desses indivíduos.

Verificou-se que os filhos adultos de alcoolistas formam conclusões errôneas, como: não falar com pessoas de fora da família sobre o pai alcoolista, entender que o problema era seu e que ninguém mais se preocuparia com isso, sentir-se

constantemente constrangido com a situação e sentir-se pouco respeitado pelos professores temendo que sua vida pudesse ser igual à de seus pais e parentes. Constatou-se que a metamensagem é de desconfiança, assim, se os filhos de alcoolistas aprenderam a não confiar na mensagem recebida do progenitor, essa falta de confiança se reflete nos relacionamentos em geral e eles passam a perceber o público como uma ameaça. Se o filho continua a viver e a lidar com o alcoolista, ele passa a desconfiar dos seus próprios sentimentos, já que para a família tudo que ele ouve, vê e acredita não existe. Percebe-se que a confiança desses indivíduos em si mesmos e em sua família foi danificada ou destruída. Esses resultados são elucidativos da extensão e durabilidade do sofrimento em filhos de alcoolistas.

Sem dúvida ser filho de alcoolista é uma condição de grande dor, sofrimento, constrangimento e vergonha social. Observa-se uma multiplicidade de papéis que os filhos de alcoolistas são convidados a vivenciar nessas famílias: substituto parental para os irmãos e irmãs mais novos, substituto marital coaligado em uma cumplicidade edipiana com o genitor não alcoolista, vítima de violências incestuosas, mediador e conselheiro, terapeuta familiar para o casal sempre em crise¹⁷.

O conceito de parentalização dentro da família de Bonzormenyi-Nagy, refere-se à situação onde o filho passa a cuidar dos pais, a ser “parentalizado” a fim de responder a necessidades inconscientes dos pais e de uma relação simbiótica, impedindo desta maneira que o filho atinja a autonomia pós-adolescência¹⁸.

2 A família alcoúlica: contribuições da teoria sistêmica

Diversos trabalhos mostram a influência do alcoolismo paterno na vida relacional e na psicodinâmica de seus filhos e familiares^{5,6,19}. A literatura traz dados interessantes referentes à função paterna e drogadição em famílias disfuncionais.

Filhos de alcoolistas representam grupos de risco considerando-se que a família se apresenta

disfuncional, em termos de: padrão interacional, dinâmica rígida, fronteiras difusas e fortes alianças transgeracionais, bem como pelas escolhas de seus rituais e construção de sua identidade alcoólica²⁰. Nessas famílias, observam-se dificuldades em termos da comunicação. Os segredos permeiam a falta de diálogo aberto. Existe um esforço grande voltado para a manutenção de uma homeostase, já que as crises são freqüentes e intensificadas pelo ciclo embriaguez-sobriedade.

A rigidez de fronteiras expressa dificuldades de adaptação e falta de capacidade da família para se relacionar com o ambiente social. A falta de coesão do casal se expressa por meio de constantes conflitos, violência e brigas conjugais. As alianças transgeracionais revelam como uma geração acaba por interferir demasiadamente na outra, impedindo que o novo núcleo familiar forme uma nova identidade e uma nova configuração mais saudável. A família acaba por reafirmar de forma sofrida esta identidade patológica através de rituais regados a álcool.

O sintoma do beber excessivo ocorre quando a ansiedade familiar é alta⁶. O processo de beber para diminuir a ansiedade, acaba aumentando a ansiedade familiar em resposta a este beber, e criando um espiral, que pode gerar um colapso e este um padrão crônico de funcionamento do sistema familiar. O enfoque sistêmico rompe com o pensamento linear simplista de causa e efeito, que representa grande obstáculo na compreensão de disfunções e patologias.

A intoxicação alcoólica pode facilitar a expressão interacional de certas famílias e inibir a de outras, essa mudança no relacionamento pode servir como estabilizador do instável sistema familiar. Nessas famílias se dá uma ênfase muito grande na estabilidade a curto prazo da vida da família, em detrimento de todos os outros temas⁵.

Do ponto de vista interacional, considera-se que o alcoolista paradoxalmente acaba por proteger sua família de níveis intoleráveis de angústia, ansiedade ou depressão¹⁷. Essas observações têm sido

reforçadas pelas freqüentes descompensações de um ou vários membros da família quando o alcoolista deixa de beber. Na verdade, o alcoolista pode ser pensado como o indivíduo eleito pela família para expressar os conflitos não resolvidos pelo sistema. Como um bode expiatório acaba por protagonizar a angústia coletiva.

O mais grave é que parece existir nesses sistemas familiares uma predisposição a repetição transgeracional da patologia. O risco psicológico se expressaria através do padrão de interação dos membros da família que parece ser influenciado pelos significados mitológicos associados ao alcoolismo. O risco genético não representa uma fonte de desafio clínico, já que representa uma realidade passível apenas de conscientização e não de mudança. Por outro lado, a compreensão do funcionamento psíquico e interacional desses indivíduos e das estratégias de enfrentamento do alcoolismo podem trazer mudanças no que tange a prevenção do alcoolismo. Mudar as estratégias de enfrentamento do alcoolismo pode representar uma saída. Mudar o autoconceito, a visão de mundo bem como o estilo de reflexão e de comunicação do problema representa uma forma de abordagem da questão.

Neste sentido, vale a pena citar estudos que indicam como alcoolistas ajustam ou modificam suas identidades a partir de metanarrativas. Este estilo de falar de suas vidas como alcoolistas denominou-se “autogenerativo” ou “auto-reflexivo”. A metanarrativa proporciona aos participantes da reunião de Alcoólicos Anônimos rever os roteiros de suas vidas e iniciar o movimento de mudança e de retorno à sociedade¹⁵. Este enfoque afirma a força transformadora da linguagem e do diálogo reflexivo, que pode, inclusive, ser utilizada na terapia familiar para o alcoolista e prevenir, desde a infância e adolescência, o aparecimento da doença nos filhos.

A família alcoólica é marcada por uma série de jogos psicológicos e todos se envolvem na progressão da doença. O lar do alcoólico se movimenta na base de desempenhos neuróticos e

excêntricos, onde o pai vive super-reagindo ao agente químico, e a mãe super-reagindo ao dependente químico e os filhos vão apresentar alguns papéis de ajustamento ou repulsividade ao sistema familiar em crise²¹.

3 Efeitos patogênicos do alcoolismo paterno

A compreensão da esfera psicológica do alcoolista é importante para compreendermos o impacto desta realidade nos filhos. Quem é esse pai alcoolista e como ele reage diante do mundo?

Certos traços de personalidade aparecem vinculados ao alcoolista, como por exemplo: regressão emocional, imaturidade, instabilidade, ansiedade, insegurança e fraqueza de ego. Trata-se de sujeitos dependentes, tímidos e fugidios, com medo de tomar iniciativas e de assumir responsabilidades onde a fantasia pode se apresentar como fonte de satisfação ou como refúgio possível de frustração das aspirações intelectuais. O álcool pode funcionar como um mecanismo de fuga do indivíduo devido ao seu sentimento de inadequação, encoberto por ideais de grandeza, certo perfeccionismo e exibicionismo¹⁷.

As observações clínicas indicam que em decorrência de complicações psíquicas como a irritabilidade, agressividade, prejuízo na compreensão e alteração da visão de mundo, o alcoolista vai provocando dificuldades no seu relacionamento familiar que se agravam com o tempo. O maior desafio é lidar com a desesperança, traço marcante na personalidade de alcoolistas. A desesperança se fundaria nos fantasmas de insucessos anteriores e no temor de novas frustrações no presente, fazendo com que o indivíduo sinta que seus projetos de realização pessoal estão condenados antecipadamente ao fracasso, pelo fato de seu passado resguardar muito mais decepções e desenganos do que conquistas. Predomina um estado de tédio e indiferença no qual nada se espera da vida. Essa indiferença ocorre pela ausência de tolerância às frustrações, remetendo o sujeito ao mecanismo de repressão como forma de defesa

por não suportar as tensões emocionais produzidas pela pressão das próprias necessidades individuais¹⁵.

O alcoolismo paterno traz profundas repercussões dentro da família, podendo também ser visto como um sintoma de desequilíbrios transgeracionais. A “contabilidade” transgeracional da família expressa dívidas, débitos e alguns créditos. Muitas vezes, a “moeda” que circula dentro da estrutura e dinâmica familiar é o próprio alcoolismo ou outras patologias crônicas. Alguns indivíduos são sacrificados, outros eleitos e o legado familiar pode se tornar pesado. A tristeza se cristaliza e cede lugar para a doença.

Uma das possíveis conseqüências do alcoolismo paterno é a depressão de outros membros da família. Entretanto, há carência de estudos específicos sobre a depressão entre filhos de alcoolistas. O tema só recentemente tornou-se alvo de interesse científico.

Questionou-se sobre possíveis correlações etiológicas entre o alcoolismo e a depressão, que explicariam a alta comorbidade de ambas. É possível que a condição necessária para a manutenção e transmissão transgeracional do alcoolismo seja a presença de depressão no alcoolista, cônjuge e/ou filhos. Todos ou alguns membros da família assumiriam uma visão insegura, flutuante e depressiva do mundo.

Ressalta-se a situação de risco de suicídio de filhos adolescentes de alcoolistas devido a presença de fatores de risco familiares, tais como o crescente esgotamento do adolescente ameaçado por sentimentos de ser explorado e abandonado, sentimentos de solidão, impotência, desespero e angústia, e desejos de autopunição e vingança²². Um em cada dois suicidas apresenta história de suicídio, alcoolismo ou doença mental¹⁶.

Sistemas familiares prematuramente rompidos geram situações muito perigosas para seus membros, porque quanto maior a coesão e densidade familiar mais imune ao suicídio são seus membros²³.

Considerações finais

Existem poucos estudos específicos para a

experiência psicológica prejudicial do lar onde há um alcoolista. Os mesmos tipos de perturbação ocorrem freqüentemente em lares nos quais um dos genitores tem uma doença psiquiátrica crônica ou repetitiva. Parte do dano emocional é um risco latente de alcoolismo¹².

Em qualquer fase da infância deve-se considerar a possibilidade de um dano físico real. Alcoolismo e espancamento de bebês estão associados, e o risco de agressão física pode continuar durante toda a infância e a adolescência¹².

Ressalta-se a importância de examinar a combinação dos diagnósticos de alcoolismo e depressão em todos os membros da família, incluindo os filhos que potencialmente carregam uma vulnerabilidade genética e psíquica para o desenvolvimento dessas patologias.

Na literatura científica praticamente inexistem estudos sistêmicos que abordem a questão da prevalência de depressão em filhos de alcoolistas. O contexto familiar do alcoolista é atípico e merece estudos especializados e atenção por parte de diferentes campos de pesquisa. Embora possamos visualizar trabalhos que assumam uma lógica sistêmica, a grande maioria assume uma perspectiva disjuntiva, sendo influenciados pela força do modelo médico, que enfatiza diagnósticos e processos de saúde e doença¹².

Há necessidade de realizar um maior número de pesquisas que enfoquem o processo de construção da subjetividade e personalidade do alcoolista e dos seus filhos, sobretudo, durante o período vulnerável da adolescência.

Estudos familiares com sujeitos alcoólicos mostram consistentemente taxas mais altas de alcoolismo e depressão nesses sistemas do que na população geral. Em geral, alcoolistas secundários com depressão primária tem muito menos parentes alcoolistas e mais parentes depressivos do que alcoolistas primários.

É interessante ressaltar que o aparecimento conjunto dessas duas patologias, distintas em termos nosográficos, tende a aumentar o risco de

transmissão familiar de ambas as patologias. A literatura ressalta a importância de se examinar a combinação destes dois diagnósticos no mesmo sujeito¹⁵.

Não se pode prever como um filho de alcoolista irá enfrentar a adolescência. Há poucas informações precisas a respeito dos efeitos que, a longo prazo, pode ter sobre a criança um lar afetado crônica e intensamente pelo alcoolismo de um genitor¹².

Esta breve revisão nos permite tecer algumas considerações acerca do tratamento psicoterápico de alcoolistas, que não se pode objetivar apenas uma abstinência alcoólica desprovida de significados e transformações sistêmicas. Deve-se buscar, sobretudo, a mudança da visão do mundo e da estrutura do contexto familiar, o rebalanceamento nas relações de poder familiar (o alcoolista voltando a ocupar o lugar de pai), a recuperação da depressão do cônjuge e o cuidado individualizado dos filhos debilitados. O encontro terapêutico fundamenta-se na criação de vínculos reestruturantes que possibilitem novas escolhas existenciais, diferentes da perda de liberdade inerente à doença mental.

O modelo da terapia familiar vem complementar e otimizar o tratamento psiquiátrico medicamentoso para o alcoolismo

Referências

1. Bertollote JM. Alcoolismo hoje. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1987.
2. Chassin LJT, Shuckit MA, Johnson JL, Sher KJ. Historical perspectives a critical analysis of COA research. *Alcohol Health e Research World*. 1997; 21: 258-64.
3. Sher KL. Psicopatology characteristics of children of alcoholics. *Alcohol Health & Research World*. 1997;21(3): 247-54.
4. Shuckit M. Subjetive responses to alcohol in sons of alcoholics and control subjects. *Arch. Gen. Psychiatry*. 1997; 41:879-933.
5. Steinglass P. Observations of conjointly hospitalized "alcoholic couples" during sobriety and intoxication: implications for theory and therapy. *American Journal of Psychiatry*. 1977;(1):1-16.
6. Bowen M. *Therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson; 1974.

7. Knight R. The dynamics and treatment of chronic alcohol addiction. *Bull. Menniger Clin.* 1987;1:233-235.
8. Steinglass P. *La Família Alcohólica*. Editorial Gedisa SA;1989.
9. Furtado FE; Lauch M, Schmid M. Estudo longitudinal prospectivo sobre o risco de adoecimento psiquiátrico na infância e alcoolismo paterno. *Revista Psiquiatria Clínica*.2002; 29(2):71-80.
10. Trindade ME. *A Transmissão do Alcoolismo no Contexto Familiar*. XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências, Belo Horizonte, 1995.
11. Gonzalez RF. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo: Thompson Editora; 2004.
12. Edwards G. *O tratamento do alcoolismo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes; 1987.
13. Ramos FR. *Adolescer: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher/Associação Brasileira de Enfermagem*. Brasília: ABEN; 2001.
14. Rutter M. Genetics and child psychiatry: II empirical research findings. *Journal Child Psychol Psychiatry*.1999; 40:19-55.
15. Merikangas KR. Implications of genetic epidemiology for the prevention of substance use disorders. *Addict Behav.* 2000; 25:807-20.
16. Hill E, Gauer G. Uma análise semiótico-fenomenológica das mensagens auto-reflexivas de filhos adultos de alcoolistas. *Psicologia: Reflexa e Crítica*. 1998; 11(1):1-19.
17. Miermont J. *Dicionário de Terapias Familiares: Teorias e Práticas*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
18. Bonzormenyi N. *Invisible Loyalties*. New York: Harper e Row; 1973.
19. Barnes G. Adolescent alcohol abuse and other problem behaviors: their relationship and comon influences. *Journal of Youth and Adolescent*. 1977;13:329-348.
20. Trindade ME. *O alcoolismo através das gerações: um estudo teórico-clínico*. [dissertação]. Instituto de Psicologia da UNB, 1994.
21. Paupits J. *O alcóolico: análise, dependência e recuperação*. Editora Relisu; 1987.
22. Stierlin H. A family perspective on adolescent runways. *Archives of General Psychiatry*. 1973;(29):56-62 .
23. Durkheim E. *Suicide*. New York, Free Press;1951.